

FLUXO DE CON(IN)SCIÊNCIA

Anneliese Maria Bento Gama de Carvalho¹

Fluxo de consciência ou de inconsciência? Uma mistura que se confunde, que nos confunde e que, ao mesmo tempo, nos mantém: vivos, quase-vivos, semi-vivos...semi-mortos...

O tempo é de crise. Crise financeira, crise mundial, nacional, crise interior. Dizer que somos ou estamos normais, vamos levando a vida, tudo passa, a crise passará... Tudo passa, sim. Tudo. A vida também. O que não passa e é certo, é ela..., o destino de todos: normais e não normais, loucos e não loucos... a morte.

Mas, será possível viver a morte em vida? Será que essas palavras são realmente opostas? Elas se complementam, se contrapõem, fazem parte de uma dialética que sintetiza a vida ou a morte? O viver ou o morrer? Que confuso? Quantas dúvidas? Inquietações humanas? Reais, criadas socialmente ou fruto de algo mais profundo que, agora, parece querer (a duras penas) emergir...

Essa sensação de ter vivido o não viver, a não vida... Será que sou normal ou anormal? Será que todos os humanos passam por isso? Ou se enganam, ou estão a se enganar e fingem que vivem, que saboreiam uma vida que não é realmente a deles? Mas a vida que os outros querem que eles vivam?

Normalidade? Anormalidade? Doente? Estressado? Depressivo? Bipolar? Antissocial? Egoísta? Invejosos? Ganancioso? Trabalhador? Batalhador? Quantos nomes, quantas palavras, adjetivos para classificar o inclassificável, nomear o inominável, controlar o incontrolável ser, foi, estar, esteve humano.

Os animais? Não... Eles, coitados, não pensam, não raciocinam como nós, não conseguem sorrir... Em tempo de crise, sorrir não é para todos... Crise humana, financeira, interna, espiritual, geral, crise de todo um sistema que nos inclui e nos exclui da nossa humanidade... que nos torna anônimos de nós mesmos. Quem sou eu? Quem estou eu? Para onde vou eu? Onde estou(mos)? Quantos "eus" que trabalham e desempenham funções, em diferentes lugares, em diferentes papéis, que nos fazem, muitas e quase sempre vezes, não nos ouvirmos e não percebermos. Afinal, onde está o "eu-maestro", o "eu-vontade" que controla todos os outros... Será que ele existe mesmo? Está escondido? Está em crise? Nasceu ou morreu? Tem que ser construído ou des(re)construído?...

Perguntas, perguntas, perguntas... que se acumulam na nossa mente, no nosso espírito, no nosso coração (será que esse existe mesmo?)... Tudo em nós é criado, inventado, motivado, herdado, resultado de experiências nossas, dos outros, do ambiente, do social...?? Mas, afinal, onde está o "eu-puro", o individual? (cá entre nós, acho que ele não existe...).

Duro é conseguir acreditar se que o que somos, somos nós mesmos... ou se somos o que os outros querem que sejamos, ou se somos o que gostaríamos de ser... Agora, tocar, atingir, realmente, o nosso real, a nossa essência... talvez, seja mesmo impossível.

¹ Mestre em Língua Portuguesa, pela PUC Minas. Atualmente, doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, na mesma instituição. E-mail: annebcarvalho@gmail.com

Já dizia uma amiga minha: o real é tocável, mas a realidade é construída.. Acho, então, que pode ser isso: somos frutos de uma realidade construída por nós, para os outros (ouvintes, leitores, audiência, família, amigos..) em um determinado momento, tempo, espaço e circunstância.. Talvez, por isso, a sensação de efemeridade constante e a grande necessidade de encontrar ou forjar um porto seguro. As palavras nos ajudam, mas não revelam o mistério dessa grande aventura e missão que é viver.